

CADMO

Revista do Instituto Oriental
Universidade de Lisboa

15

天十廿三廿十
廿十廿三廿十
廿十廿三廿十
廿十廿三廿十

ECONOMIA E SOCIEDADE DA BABILÓNIA SEGUNDO OS AUTORES GRECO-LATINOS. I – O PERÍODO CLÁSSICO

Por NUNO SIMÕES RODRIGUES

Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

A maior parte do conhecimento que possuímos na área da Assiriologia deve-se ao manancial de documentação que os sítios arqueológicos do Próximo Oriente têm fornecido a arqueólogos, filólogos e historiadores, desde o século XIX. A escrita em tabuinhas de argila teve como principal vantagem a morfologia que facilitou a sua conservação ao longo dos séculos, o que não aconteceu, por exemplo, com o papiro, usado noutras regiões. Por outro lado, o sentido da organização burocrática própria dos Assírios foi uma vantagem para o historiador, pois permitiu-lhe a descoberta de Arquivos régios, clericais e privados, que forneceram milhares de tabuinhas, contendo informação acerca de transações comerciais, tratados políticos ou até mesmo textos religiosos e lúdicos. Durante muito tempo, e num contexto que se compreende como uma corrente historiográfica abrangente, a historiografia assiriológica privilegiou a história político-militar. Para isso, contribuiu a tentativa de encontrar a veracidade que desse crédito ao texto bíblico sagrado, construindo paralelismos dinásticos e identificando as grandes personalidades da oposição assiro-babilónica a Israel, como Nabucodonosor ou Belsazar, ou as figuras persas da libertação, como Ciro. Por outro lado, numa evolução a que também não deve ser estranho o desenvolvimento do estudo da épica grega, o conhecimento de textos literários épicos e de narrativas míticas trouxe novas abordagens e perspectivas aos historiadores da Antiga Mesopotâmia.

O domínio destas civilizações alargou-se consideravelmente e os domínios do texto bíblico, dos Poemas Homéricos e da tragédia grega relativizaram-se. A *Epopéia de Gilgamesh* é o caso mais paradigmático. Os temas culturais envolveram o estudo da história religiosa e da mitologia, bem como do profetismo enquanto fenómeno sócio-religioso de grande importância para uma abordagem mais completa destas culturas e civilizações. Também para estes temas, os textos acima referidos se mostraram de capital interesse.

Mais tardiamente, surgiram no horizonte da historiografia mesopotâmica os estudos de história económica e social. São fundamentalmente dois os factores que influenciaram esse incremento. Por um lado, a frustração do filólogo. Diz M. I. Finley que os filólogos, «por definição, não têm o costume de reflectir sobre a História, nem sobre outros problemas históricos que não sejam os que trabalham no momento... não fazem mesmo leituras históricas importantes, fora do campo da Antiguidade»⁽¹⁾. Sendo a leitura e a tradução de textos um dos caminhos que o historiador da Antiguidade tem que percorrer, tornou-se vulgar serem os filólogos, *stricto sensu*, os autores pioneiros das primeiras grandes abordagens. Mas é necessária uma visão mais lata e mais alargada, abrangente, para que o conhecimento se aproxime do real. Daí que o filólogo tenha de ultrapassar a técnica linguística (nunca desprezada) para se tornar historiador. Por outro lado, há o próprio conteúdo das fontes. Tal como nas tabuinhas de Linear A e B encontradas em Cnosso e Micenas, também em muitas das tabuinhas cuneiformes, do crescente fértil mesopotâmico, constam listas de aprovisionamento, compras, vendas, transacções e avaliações. Estas são uma fonte privilegiada para os estudos de história económica e social. É desse conjunto de informações que tem sido dada a conhecer à comunidade académico-histórica uma série de estudos que se debruçam sobre os períodos da Assiriologia, desde o Babilónico Antigo aos Aqueménidas, ou até mesmo ao período greco-romano.

Este estudo, porém, pretende avançar por outro caminho. Tentamos uma «re-descoberta» e «re-utilização» das fontes da Assiriologia: os autores greco-latinos. Na verdade, mencionados por uns, aflorados por outros, não há muitos estudos de fundo sobre as informações que podemos recolher entre esses autores, para o estudo da Mesopotâmia antiga e tardia. Já K. Polanyi dizia que Heródoto era «consistently ignored by economic historians of Mesopotamia».

Não pretendemos, como é evidente, fazer esse estudo aqui, mas, antes, encetar uma pequena introdução a essa temática. Maioritariamente usados para estudar as civilizações e culturas grega e latina,

os autores clássicos são muitas vezes esquecidos como fontes para estudar aqueles com quem se relacionaram ao longo de pelo menos quinze séculos de História. O esforço para a concretização de uma História Antiga Comparada traz aos historiadores uma visão de conjunto, alargada, que permite perceber subtilezas do processo com maior acuidade. Não devemos esquecer que Gregos e Romanos foram testemunhas de um mundo por eles ainda não ordenado, a quem estranharam e observaram diligentemente costumes e tradições, comunicando-as nas mais diversas obras e formas. Afirmando a urgência da constituição de equipas de pesquisa, verticais e horizontais, que permitam a ultrapassagem dos obstáculos criados pela especialização, diz P. Briant: «les spécialistes de sources grecques (les “classicistes”) se doivent de ne pas ignorer les publications des orientalistes, et ceux-ci de ne pas considérer les sources grecques avec un mépris condescendant»⁽²⁾.

Briant chama igualmente a atenção para a necessidade de fazer passar os testemunhos gregos pelo crivo da crítica, uma vez que estes autores deformaram algumas realidades. Usando esses testemunhos e delimitando o espaço e o tempo em análise, é possível proceder a um pequeno estudo, *a case study*, de história económica e social. Escolhemos a cidade de Babilónia, aspecto concreto do processo histórico da Antiguidade e quase elemento mítico do imaginário do período clássico pela época de auge e lugar de luxo que representava. Tomamos Babilónia não somente como território urbano confinado às tão citadas muralhas da cidade de Babel, mas também enquanto cidade-estado, centro nevrálgico de um aro económico-político mais alargado, que a realidade das satrapias persas soube aproveitar. A delimitação do tempo fica dependente dos autores seleccionados para este estudo. *I.e.*, a fonte condiciona e delimita os períodos temporais a abranger, de acordo com os temas que relata.

A maioria dos autores que escreveram acerca de Babilónia são gregos ou escreveram em grego. Note-se também que a cidade e o território nunca aparecem enquanto o objecto especificamente escolhido a tratar. A sua menção advém sempre por arrastamento de um desenvolvimento de outro tema. Não se tivesse perdido uma das comédias de Aristófanes, chamada *Os Babilónios*, de que nos restam apenas alguns fragmentos, e teríamos por certo informação mais substancial do período clássico acerca daquele território mesopotâmico⁽³⁾. Mas Heródoto, por exemplo, dedica-lhe alguns períodos, enquanto região de preferência dos chefes aqueménidas. São os Persas e a sua relação posterior com a Grécia, ou Atenas, em particular, que lhe interessam.

Não a Babilónia *per se*. Xenofonte e Arriano encontram Babilónia no decurso dos feitos de Alexandre, visto que foi o local da morte do general macedónio. Josefo discorre sobre a importância que a cidade teve nas suas relações com os Hebreus e, posteriormente, Judeus. Estrabão descreve-a como mais um sítio, entre tantos outros pelos quais se interessa. E até mesmo o único autor latino que seleccionámos, Quinto Cúrcio, se refere a ela apenas enquanto elemento significativo na história de Alexandre.

Assim, embora com um lugar bem definido ao nível da consciência colectiva, Babilónia parece nunca ter despertado a argúcia dos historiadores e geógrafos greco-latinos enquanto objecto de estudo autónomo. Daí que, em termos de metodologia, tenhamos de percorrer estas obras, para detectarmos uma possível imagem estabelecida e percebida pelos seus autores, que representam o mundo clássico, e os quais a teriam assim feito passar nos seus testemunhos. Queremos dizer que, a encontrarmos a imagem de uma realidade sócio-económica da região, do Estado, ela não passa intencional ou conscientemente. Ela afirma-se antes por inferições, que o historiador tem que fazer a partir das fontes que para isso dispõe. Por outro lado, essas fontes foram colhidas através de testemunhos presenciais, orais e ou escritos (como os nossos clássicos por vezes referem). De qualquer forma, é na riqueza das descrições etnogeográficas, dos diversos autores, que recolhemos informações válidas para esta reconstrução. Cada autor é um caso específico e concreto de uma imagem apreendida e passada, das intenções de pesquisa e colecção⁽⁴⁾.

Antes de qualquer análise, porém, há aspectos a assinalar. A apresentação dos autores corresponde à ordem cronológica da sua vivência histórica. Esta escolha implica uma certa anarquia nos tempos respeitantes ao processo histórico babilónico. Se Heródoto se centra nos períodos caldaico e aqueménida, Xenofonte e Arriano centram-se em Alexandre. Quando encontramos Josefo, recuamos de novo até aos tempos de Nimrode, vagueando até os imperadores romanos. Não existe, portanto, ordem sequencial lógica correspondente à História de Babilónia, mas correspondente aos autores citados. Escolhemos esta sequência de modo a facilitar a organização das fontes e também porque não há grande possibilidade de ordenação cronológica das informações obtidas. Tentaremos uma ordenação lógica temática na síntese final. O conjunto da informação limita-se, todavia, fundamentalmente ao espaço babilónico e ao tempo dominado pela tríade Nabucodonosor-Ciro-Alexandre, que é como quem diz, os períodos neo-babilónico, persa e helenístico. É nessas figuras que os dados

reconhecem coerência. Consequentemente, nada trataremos até ao neo-babilónico e nada trataremos do período tardo-romano, no qual já Dión Cássio dizia que «Trajano foi a Babilónia pela sua fama e pelo mito de Alexandre, mas que apenas viu montes de pedras e ruínas»⁽⁵⁾.

Se a imagem obtida corresponde ou não à imagem real e fidedigna da Babilónia tardia, caldaica, aqueménida e helenística, só um estudo exaustivo e comparativo de todas as fontes disponíveis permitirá responder. Não é esse o nosso objectivo de momento. Mas pela análise dos clássicos, e partindo apenas destes, esta é a imagem possível.

O testemunho de Heródoto

Heródoto de Halicarnasso (c. 484-c. 425 a. C.) age como um repórter que transmite o que viu e ouviu. Viajando por grande parte do mundo antigo, incluindo, muito provavelmente, a própria Mesopotâmia, o conhecimento que foi obtendo ao longo dessas viagens foi-lhe de grande utilidade para as informações que obteve de fontes locais e observação *in loco*⁽⁶⁾. Se bem que conte histórias de ficção, afirma não acreditar nelas, limitando-se a transmiti-las tal como as ouviu. Expressando frequentemente a sua descrença, Heródoto torna-se de alguma forma selectivo. As suas *Histórias* aparecem com um objectivo determinado. A ameaça persa e a relação desse povo com os Gregos parecem ser o fundo que motiva o autor. Daí que, ao longo de nove livros, Heródoto explique a origem e o desenvolvimento do poder persa, traçando uma linha de continuidade que se inicia com Ciro e com os costumes medo-persas, e passando por Cambises e sua acção no Egipto, pelas expedições de Dario, pela batalha de Maratona e pelo avanço e retirada de Xerxes. Embora desde as primeiras páginas o historiador coexista com o contador de histórias, Heródoto não deixa de questionar o poder oriental mantendo uma visão esquemática da política «imperialista» da Pérsia, propondo-se explicar a razão do envolvimento bélico de Gregos e Persas. Este ensaio percorre uma geografia imanente ao avanço territorial dos Aqueménidas. Nesse contexto, Babilónia surge como uma das cidades conquistadas por Ciro e mantida enquanto sede de uma satrapia. O autor recolhe informações sobre os Babilónios e seu território, fazendo o levantamento de material etnográfico que aproveita para o seu objectivo de descrever o carácter e a História dos povos relacionados com os Persas⁽⁷⁾.

Para o historiador grego, a cidade de Babel pertencia ainda ao país da Assíria, o que corresponde, certamente, a uma memória daquilo que a propaganda de terror dos reis assírios infligiu por todo o Próximo Oriente Antigo⁽⁸⁾. Heródoto refere que Babilónia era a cidade mais importante da região (depois da destruição de Nínive), pois era a sede do poder assírio. O autor grego passa então à descrição etno-geográfica da cidade. Situada numa vasta planície, Babilónia tinha o formato de um quadrado, com 120 estádios de lado⁽⁹⁾. Estas parecem dimensões exageradas, pois tais medidas dariam uma área de cerca de 455 km². Tais valores só fariam algum sentido caso se tratasse de todo o aro urbano e rural da cidade-estado. Por outro lado, esta ideia evidencia a importância e dimensão que a cidade teria no imaginário ocidental, já no tempo de Heródoto. Na verdade, diz o historiador que Babilónia era um aglomerado urbano que não tinha igual na Antiguidade⁽¹⁰⁾. No contexto dessa afirmação, Heródoto descreve a cidade, não ocultando a sua admiração pela magnificência da outrora capital do mundo. É no decorrer dessa descrição, feita como se de uma éfrase se tratasse, que o historiador menciona materiais, locais e formas, dos quais podemos inferir algumas conclusões sobre questões económicas.

Um dos factores fundamentais para a história económica e social é o demográfico. Em Heródoto não há muita informação sobre essa realidade, embora o autor refira o grande tamanho da cidade, como vimos acima, o que por si só nos colocaria perante uma hipotética grande densidade populacional. No livro III das *Histórias*, contudo, o historiador refere que logo após a expedição naval de Samos estalou uma revolta contra a hegemonia persa em Babilónia, em consequência da qual Dario fez empalar 3000 homens como castigo e aviso aos Babilónios⁽¹¹⁾. Provavelmente, tratou-se apenas de uma parte da população masculina revoltosa, dado que esta era necessária como mão de obra escrava e à manutenção da cidade conquistada (pois de outro modo a conquista territorial não faria sentido, dado que não seriam os Persas que viriam ocupar esse território dominado). Num outro passo, o autor refere-se à atenção política que Dario deu às cinquenta mil mulheres prisioneiras de Babilónia, o que altera consideravelmente a ideia de densidade populacional na cidade, elevando-a⁽¹²⁾. A comprovarem-se estes números, Babilónia era, para o seu tempo, uma cidade razoavelmente grande.

Segundo o historiador de Halicarnasso, o perímetro da cidade estava rodeado por um fosso profundo, o qual estava cheio de água. A terra retirada deste serviu de matéria-prima para a construção da

muralha que envolvia a cidade⁽¹³⁾. As medidas da muralha são dadas com uma precisão metódica: uma parede de 50 côvados reais de largura e 200 metros de altura. A muralha era à base de tijolos feitos com a terra tirada do fosso já mencionado, os quais eram cozidos em forno e unidos com asfalto quente, cujos grumos eram conseguidos na fonte do rio Is, um afluente do Eufrates, e depois trazidos para Babilónia. O asfalto servia de argamassa, sendo rematado com uma camada de junco (as paredes do fosso eram construídas de acordo com o mesmo método). Seriam estas muralhas tão imponentes que o espaço entre elas permitia a circulação de um carro de quatro cavalos. Além disso, eram adornadas com cem portas de bronze, bem como com couceiras e lintéis do mesmo metal. Após toda esta descrição, Heródoto afirma que a muralha era a couraça da cidade⁽¹⁴⁾.

Segundo esta mesma fonte, existia no interior da cidade uma outra muralha, menos imponente e mais estreita, feita apenas com tijolos cozidos e sem qualquer tipo de argamassa a uni-los, estendendo-se, nalguns pontos, até ao Eufrates⁽¹⁵⁾. Este rio atravessava a cidade, vindo do país dos Arménios, considerando-o Heródoto um rio grande, profundo e de curso rápido. De facto, o seu tamanho e insinuação através de canais e diques pelo país de Babilónia é tal que chega a tocar nas margens da mesma aldeia, Ardérica, por três vezes, em três dias diferentes, na mesma e única viagem⁽¹⁶⁾. Num outro passo, Heródoto refere que o território de Babilónia entrecruzava-se de canais no Eufrates, até entrar em contacto com o Tigre, continuando depois até à cidade de Nínive, o que atesta a necessidade constante de uma comunicação com cidades vizinhas⁽¹⁷⁾.

Heródoto nota que muitos foram os reis e as rainhas que se preocuparam em embelezar Babel com santuários e muralhas, destacando de entre elas Semíramis e Nitócris⁽¹⁸⁾. É a Semíramis que o historiador atribui a construção de diques, a partir de elevações de terra na planície, ao longo do Eufrates, que permitiam a cheia e o alagamento de todo o território junto à cidade, pelo qual o rio passava⁽¹⁹⁾. Mas é à figura da rainha Nitócris que o autor atribui um maior e mais importante número de obras públicas na cidade⁽²⁰⁾.

Nitócris teria construído imensos monumentos bem como um considerável dique em cada uma das margens do rio. Teria sido esta personalidade a autora das contínuas e acentuadas curvas do Eufrates ao longo de Babilónia, para as quais teria esvaziado os locais pantanosos em torno da cidade, colocando assim o rio a correr em serpentina. Segundo Heródoto, além de diversificar o curso fluvial e de tornar menos caras as viagens de barco para Babilónia, Nitócris

pensava sobretudo em possíveis ataques, nomeadamente dos Medos, pois eram dificultados pelo percurso sinuoso da base de subsistência principal da grande cidade⁽²¹⁾. Ao mesmo tempo que construiu esta linha de defesa, a rainha mandou escavar um longo fosso no seu interior, que permitiu ao Eufrates penetrar dentro da cidade muralhada e abastecê-la com a água potável necessária. Segundo o historiador grego, Nitócris teria construído ainda uma bacia de 80 estádios (c.14,2 km), em Sipar, e aproveitado a terra daí retirada, levando-a para Babilónia, para aplicar nas paredes do fosso do Eufrates, estabelecendo assim uma cantaria contínua⁽²²⁾. Para facilitar a comunicação, a soberana construiu uma ponte de ferro e chumbo⁽²³⁾. Além de tudo isto, Nitócris teria ficado célebre na História de Babilónia pela inscrição que mandou erigir sobre o seu túmulo, na porta mais concorrida de Babilónia:

«Foi esta rainha quem architectou a armadilha seguinte: por cima da porta mais frequentada da cidade, mandou construir para si própria um túmulo (assente, lá no alto, sobre a porta) e mandou gravar no túmulo uma inscrição que dizia: "Que qualquer um dos reis de Babilónia que depois de mim vier, se tiver falta de dinheiro, tire daqui o dinheiro que quiser, abrindo este túmulo. Mas que o não abra quem não tiver falta de dinheiro, apesar de motivado por qualquer outra coisa, pois não será bom para si."

O túmulo não foi mexido, até que a soberania foi parar às mãos de Dario. Pareceu mau a Dario não se servir da porta sobre a qual o túmulo se apoiava, e mau lhe pareceu também não se apoderar dos tesouros, estando eles de facto lá e anunciando a inscrição a sua presença (e se até então não se servira dessa porta, fora por uma simples razão: porque, se por aí passasse, o cadáver lhe cairia em cima da cabeça). Mas, ao abrir o túmulo, não encontrou nenhuma riqueza; apenas o cadáver e uma inscrição que dizia assim: "Se não fosses tão ávido de riquezas e tão ganancioso, não abririas o túmulo dos mortos."»⁽²⁴⁾

O significado desta breve anedota é pertinente, além do mero simbolismo religioso que contém. A ela voltaremos na síntese final. Todas as obras atribuídas a esta rainha, porém, foram na realidade feitas por Nabucodonosor.

A partir destas referências concluímos da importância que o rio e a navegação tinham na cidade. Diz-nos Heródoto que os barcos eram a maior maravilha de Babilónia, feitos de forma circular e à base de couro, sendo fabricados na Arménia. O historiador descreve os interiores das embarcações como feitas com ramos de salgueiro e cobertas de peles⁽²⁵⁾. Tendo a forma de um escudo, as embarcações eram

envoltas em palha e vagueavam consoante o curso e as correntes do Eufrates e do Tigre, carregando até cinco mil talentos de peso, incluindo, pelo menos, um burro em cada embarcação. Dirigidos por dois mercadores, os navios eram trocados por outros produtos em pontos de comércio, bem como a palha que transportavam, sendo este o acto comercial em si. Os mercadores retornavam então para a Arménia, por terra, usando os burros como meio de transporte e levando consigo as peles empilhadas. Note-se que era impossível subir o curso do rio, dada a rapidez da corrente. Chegados à Arménia, os comerciantes reconstruíam navios e o processo reiniciava-se⁽²⁶⁾.

A descrição da cidade prossegue, referindo-se as ruas direitas e transversais com poternas de bronze e casas de três e quatro andares, cuja confluência era sempre o rio⁽²⁷⁾. Seguia-se então um grupo central fortificado onde se incluíam a residência real e o santuário de Bel Marduc, também este com portas de bronze, ocupando um perímetro quadrado de dois estádios (c. 360 m)⁽²⁸⁾. O santuário de Bel Marduc continha uma torre com um estádio de largura (177,6 m) que se erguia do seu centro, sendo esta a primeira de uma série de outras torres que se sucediam em altura, até perfazerem o total de oito torres (criando o formato da zigurate). Estas torres eram acompanhadas por uma rampa, construída exteriormente, em espiral, acabando por envolver todas as oito, com pontos de paragem e descanso ao longo de todo o percurso⁽²⁹⁾. O conjunto de oito torres terminava com um último templo, onde se encontravam um leito adornado com belas colchas, uma mesa de ouro e, para espanto de Heródoto, nenhuma estátua da divindade⁽³⁰⁾. Mas o historiador de Halicarnasso refere também a existência de outro templo em Babilónia, dedicado a Zeus (muito provavelmente a Bel), onde se encontrava uma estátua do deus, em ouro, de doze côvados maciços, e que, segundo Heródoto, existia ainda no tempo de Ciro. Lá havia ainda uma mesa, trono e degraus feitos no mesmo metal. Diz o historiador grego que tudo estava avaliado, segundo os próprios Caldeus, em 800 talentos de ouro. Aí sacrificavam-se apenas crias de gado, ainda de mama, e particulares levavam oferendas ao deus. O gado adulto era sacrificado num outro templo, situado atrás deste. Juntamente com este gado, eram também queimados, uma vez por ano, por altura da festa do deus Bel, mil talentos de incenso⁽³¹⁾.

Mas Heródoto fornece ainda outras informações, além da simples descrição física da cidade, que servem de testemunho económico. Referindo-se à riqueza inesgotável de Babilónia, o autor afirma que,

depois de a ter invadido (539 a. C.), Ciro dividiu a Ásia em regiões, ou satrapias, para que lhe fornecessem tributo e garantissem o seu aprovisionamento pessoal, bem como o das suas tropas. Esta medida teve um enorme êxito político-administrativo, pois só a satrapia de Babilónia alimentava o rei persa durante quatro dos doze meses do ano. O resto da Ásia alimentava-o nos restantes oito meses⁽³²⁾. Este valor mostra claramente a importância que Babilónia tinha relativamente ao resto da região, não esquecendo que o «resto da Ásia» incluía, entre outras, as satrapias de Gândara, Bactriana, Pérsia, Média e Elão. Assim, nesta relação de riqueza, a Babilónia, equivalia a um terço da restante Ásia⁽³³⁾. Reside aí, provavelmente, a razão por que Babilónia foi tantas vezes escolhida como capital militar e administrativa de diversas hegemonias.

Quando a hegemonia aqueménida alcançou o território entre o Tigre e o Eufrates, Ciro rapidamente verificou que a região representava para a Pérsia poder e riqueza. Embora Heródoto diga que Ciro se fez acompanhar de um rico aprovisionamento de gado e de víveres, inclusive água, que trouxe desde Susa⁽³⁴⁾, o historiador também afirma que Tritantaíctes, um filho de Artabazo, destinado a sátrapa de Babilónia, auferia uma receita quotidiana no valor de uma *artabe*⁽³⁵⁾ de prata, bem como 800 cavalos, 16 000 éguas de criação, um garranhão que valia 20 cavalos e cães da Índia tão grandes, que eram quatro grandes burgos da planície que os alimentavam. Com razão, refere Heródoto que estas eram as vantagens do sátrapa de Babilónia⁽³⁶⁾.

Temos ainda dados sobre a produção da terra mesopotâmica. Embora a chuva não fosse abundante, Heródoto refere que, tal como no Egipto, os rios Eufrates e Tigre contribuía com a sua água para irrigar os campos circundantes, nos quais se localiza a cidade. Assim se desenvolvia o trigo. Os Mesopotâmios, contudo, ao contrário dos Egípcios, não se limitavam a esperar pelas cheias; construíam engenhos e máquinas elevatórias que permitiam o acesso da água aos terrenos a cultivar. Segundo os dados que possuímos, o país tinha especial apetência para o cultivo de cereais, sendo as árvores de fruto uma espécie de «ensaio de cultura», como nota o próprio Heródoto⁽³⁷⁾.

As relações de grandeza que o historiador fornece, relativamente à produtividade cerealífera, são de facto extraordinárias: 200/1 e até mesmo 300/1⁽³⁸⁾. As folhas de trigo candial e a cevada atingiam até quatro dedos⁽³⁹⁾ de largura e o milho miúdo e o sésamo cresciam de tal forma que Heródoto se abstém de falar muito neles, receando a

incredulidade de muitos de seus leitores⁽⁴⁰⁾. De qualquer forma, significam estes dados que a produtividade da região era muito elevada, atestando a fertilidade da região mesopotâmica.

Em vez da figueira, da oliveira ou da vinha, árvores de fruto sobejamente conhecidas de Heródoto, pela importância que tinham na economia grega, Babilónia e as planícies babilónicas parecem ter sido ricas em palmeiras, as quais era tratadas com o cuidado que uma figueira merecia no mundo helénico. Esta relação de comparação herodotiana permite-nos confirmar a importância que a palmeira tinha na Mesopotâmia. Dos frutos dessas árvores, extraíam-se também sucos. São ainda dadas informações sobre o tratamento dado às tamareiras: os habitantes de Babilónia ligavam aquelas que consideravam macho às que consideravam fêmea, de modo a que o processo de reprodução e maturação continuasse por meio da intervenção de mosquitos, que ao penetrar nas tâmaras as faziam amadurecer. Segundo Heródoto, os Gregos usavam exactamente o mesmo processo com as figueiras⁽⁴¹⁾.

A maioria destes produtos era decerto importante pelo uso que o homem mesopotâmico deles fazia no seu quotidiano alimentar. Sobre a dieta dos Babilónios, pouco diz Heródoto, com a excepção de um passo, em que o historiador refere que três dos clãs babilónicos não comiam outra coisa senão peixe seco ao sol, explicitando, aliás, todo o processo de seca⁽⁴²⁾.

Além da produção propriamente babilónica, de que o historiador-etnólogo grego nos dá notícia, poucas referências temos sobre produtos que Babilónia importava directamente do exterior. Além de alguns materiais usados em construções, apenas o vinho é dito como proveniente da Fenícia e trazido nos citados barcos circulares, que desciam desde a Arménia até Babilónia⁽⁴³⁾.

Outro elemento descritivo do qual podemos retirar conclusões económicas é a menção ao tipo de traje e vestes usados pelos Babilónios. Os materiais de confecção são sobremaneira realçados, ao se referirem as longas túnicas de linho que os homens e as mulheres de Babilónia colocavam sobre uma outra de lã, envolvendo-se depois num manto branco. Referem-se ainda os sapatos, que Heródoto compara com o calçado da Beócia, bem como os perfumes que espalhavam por todo o corpo, em sinal de distinção e higiene⁽⁴⁴⁾. Ainda referente ao aspecto físico dos habitantes da cidade de Babilónia, Heródoto salienta que estes transportavam consigo um bastão e um sinete, tendo o bastão sempre um emblema socialmente distintivo, quer fosse uma águia, uma rosa, uma flor de lis ou até mesmo uma simples maçã⁽⁴⁵⁾.

Tais símbolos teriam a função de conotar o seu proprietário com um determinado grupo social. Mas as informações acerca de aspectos sociais não se ficam por estas. Acerca da mulher, por exemplo, recolhemos aqui e ali elementos que permitem complementar outros dados de natureza jurídica que os códigos legislativos nos fornecem para o Próximo Oriente. Sabemos por Heródoto, por exemplo, que apenas uma sacerdotisa, mulher do país, tinha autorização legítima para passar a noite no santuário de Bel Marduque. Durante esse tempo, a mulher unir-se-ia à divindade, cumprindo um ritual sagrado de fecundidade, do tipo da hierogamia⁽⁴⁶⁾. Condição *sine qua non* era a de essa mulher ser uma virgem, para que pudesse tornar-se sacerdotisa⁽⁴⁷⁾. Além disso, toda a mulher babilónia se entregava por uma vez na vida ao santuário da deusa Ištar, onde se unia a um estrangeiro, que por aí circulava e escolhia a companheira que pretendia para a sua noite⁽⁴⁸⁾. Aquela era uma ocasião para que algumas das mulheres, orgulhosas de sua opulência, mostrassem sinais exteriores de riqueza, chegando ao santuário num carro coberto, seguidas de um grande número de servos⁽⁴⁹⁾. O estrangeiro pagava pela união e, ao pagar, a quantia tornava-se sagrada. Pelo seu lado, a mulher vulgar tornava-se assim sacerdotisa, o que para ela era uma honra. Acontecia, porém, que, como todas as mulheres tinham que satisfazer esta lei, tal tornava-se difícil para as menos belas⁽⁵⁰⁾. Mas, com um sentido prático, os Babilónios faziam dos casamentos de suas mulheres um negócio muito rentável: vendiam as mulheres em idade núbil, por ordem decrescente no que dizia respeito à beleza, e compravam depois um noivo para as menos belas. Os templos encarregavam-se desta operação, que tinha como resultado mais evidente o facto de nenhuma mulher deixar de casar e procriar, por menos atraente que fosse. Talvez preocupado com questões demográficas, diz Heródoto que esta era a lei mais sábia de Babilónia. Nesta operação de «venda», não havia qualquer impedimento a que algumas raparigas fossem vendidas a homens estrangeiros, de outras cidades⁽⁵¹⁾.

Alguns costumes mesopotâmicos, todavia, pareciam aos Gregos bem menos civilizados, como, por exemplo, o de todo o homem, a quem faltava dinheiro, prostituir as suas próprias filhas (se bem que Heródoto afirme que raparigas pobres que possuíssem beleza podiam substituir o nascimento rico pelos seus atributos físicos, dado que esses lhes permitiam angariar o bem que não tinham)⁽⁵²⁾.

Outras informações de carácter social dizem respeito aos servos e aos estrangeiros residentes ou de passagem na cidade de Babilónia. Em relação aos primeiros, diz o historiador que as obras em torno

das grandes construções hidráulicas, como diques, pontes e fossos, foram possíveis apenas graças à intervenção de um grande número de trabalhadores servis⁽⁵³⁾. Por outro lado, refere-se que as grandes comitivas de servos serviam de aparato para algumas senhoras ricas, que cumpriam o seu dever como hierodulas. Aqueles eram, portanto, um sinal de riqueza para quem os possuía. Quanto aos estrangeiros, as referências que a eles se fazem dizem respeito sobretudo às suas relações com aquelas mesmas hierodulas: eram eles quem se unia a estas no templo de Ištar (o que tinha um importante significado sócio-religioso), escolhendo-as e pagando por elas. Assim, além de serem uma presença significativa na sociedade babilónica, eram também uma importante fonte de riqueza⁽⁵⁴⁾. Além disso, o facto de serem estrangeiros a coabitarem com as hierodulas por uma noite aliviava eventuais tensões sociais que daí adviessem. Em síntese, é esta a informação útil que podemos recolher em Heródoto, para a formulação de uma imagem económico-social de Babilónia.

A imagem transmitida por Xenofonte

Este discípulo de Sócrates nasceu em Atenas por volta de 430 a. C. e morreu em Corinto, depois de 355 a. C. Do pouco que se conhece da vida deste escritor grego, sabe-se que participou na expedição do sátrapa Ciro-o-Jovem à Pérsia, em 401 a. C., quando contava cerca de 27 anos. Em 394 a. C., após a Guerra do Peloponeso, aliou-se a Agesilau, incorporando-se no exército de Esparta contra Atenas e Tebas, sendo mais tarde banido por traição, e vindo a instalar-se em Élis, onde se tornou agricultor, caçador e escritor. Após a derrota espartana em Leuctros (371 a. C.), tornou a ser expulso, desta vez de Élis, e retirou-se para Corinto, vindo posteriormente a ver os seus direitos reconhecidos e restaurados na cidade de Atenas.

Foi esta vivência um tanto atribulada que forneceu a Xenofonte material suficiente para se dedicar a uma vida de produção escrita, reconhecendo-se como historiador e ensaísta. Este grego representa um dado de primeira importância para o conhecimento de alguns períodos-chaves da História da Grécia Antiga. Das obras que escreveu, têm interesse para este estudo a *Ciropedia* e a *Anábese*.

A *Ciropedia* ou *Educação de Ciro* dedica-se, como mostra o título, à formação do grande rei, ao qual Xenofonte chama Ciro (o «senhor»), identificando-o com o fundador do Império Persa. Ciro-o-Grande

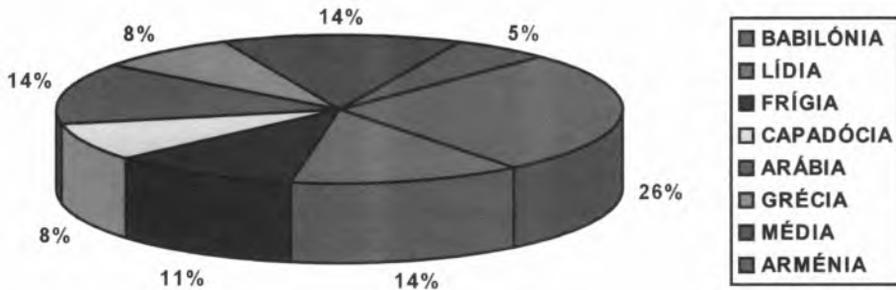
(559-529 a. C.) foi o chefe persa que impulsionou o confronto com o Ocidente, numa tentativa de conquista, e que os Gregos tiveram que enfrentar como experiência de invasão oriental. A *Ciropedia* contém elementos do conto popular, da biografia e do romance filosófico, que encontraremos largamente difundidos na cultura helenística. Esses factores coexistem com a narrativa política e militar (que aliás encontramos em Heródoto). Este tema tornou-se profícuo e desenvolveu-se em grande parte graças às conquistas de Alexandre e à experiência dos Gregos no Oriente a que alguns autores classificaram como um tratamento romântico do Leste, que coincidiu com a sua própria natureza⁽⁵⁵⁾. Há mesmo que referir que muitas das narrativas em torno da figura de Alexandre foram modeladas através de outras provenientes do Próximo Oriente. A *Anábese* ou *A Retirada dos Dez Mil* relata o épico objectivo dos dez mil soldados mercenários gregos que, em 401 a. C., arregimentados por Ciro-o-Jovem, então sátrapa da Lídia, tentaram derrubar Artaxerxes II, seu irmão, que sucedera ao pai, chamado Dario, no trono da Pérsia. Tendo reunido em Sárdis cerca de treze mil gregos e cem mil asiáticos, Ciro-o-Jovem encaminhou o grosso do seu exército para Babilónia, onde se daria o encontro decisivo, na batalha de Cunaxa. Ciro-o-Jovem morreu no confronto e deixou dez mil soldados gregos que, apesar de vencedores, ficaram entregues a si próprios, no seio de um império estrangeiro. Empreenderam então uma famosa retirada, também conhecida como *Anabasis*, ou *Ascensão*, ou *Subida*, através de três mil longos quilómetros, de retorno à Hélade⁽⁵⁶⁾. Com esta obra, Xenofonte torna-se, de algum modo, historiador protagonista dos acontecimentos que relata.

O confronto directo com a cidade de Babilónia, bem como com a região/satrapia que a cidade patrocinava (algumas referências permitem mesmo caracterizar as planícies do Eufrates, circundantes à cidade) é relatado não apenas na *Anábese*, como também na *Ciropedia*. Xenofonte fornece elementos que podemos aproveitar para uma formulação da imagem económica e social da cidade/região, apesar da diferença cronológica a que ambas as obras dizem respeito e de os elementos referidos datarem já, na sua maioria, do período aqueménida, e mais de um século posterior ao tempo de Ciro-o-Grande.

Tal como em Heródoto, também em Xenofonte os dados para reconstituir o panorama demográfico não são satisfatórios. Sabemos por este autor que acompanhavam Ciro-o-Jovem 10 400 hoplitas gre-

gos, bem como 2 500 peltastas, também gregos. Número muito maior era o dos não gregos (bárbaros, para Xenofonte), entre eles os Babilónios: um total de cem mil, que se faziam acompanhar de vinte carros de guerra, equipados com gadanhas⁽⁵⁷⁾. Mas se, relativamente ao seu próprio tempo, Xenofonte não é muito explícito quanto aos números babilónicos, no que diz respeito ao período de Ciro-o-Grande (século VI a.C.), em contrapartida, diz o escritor ateniense, na *Ciropedia*, que, aquando da grande investida persa contra a cidade, que veio a conquistá-la, os Babilónios juntaram contra o inimigo não menos de vinte mil cavalos e de duzentos carros de guerra, bem como um condizente vasto número de infantaria⁽⁵⁸⁾. Um vislumbre dos números fornecidos pelo autor neste texto facilita a compreensão dos dados:

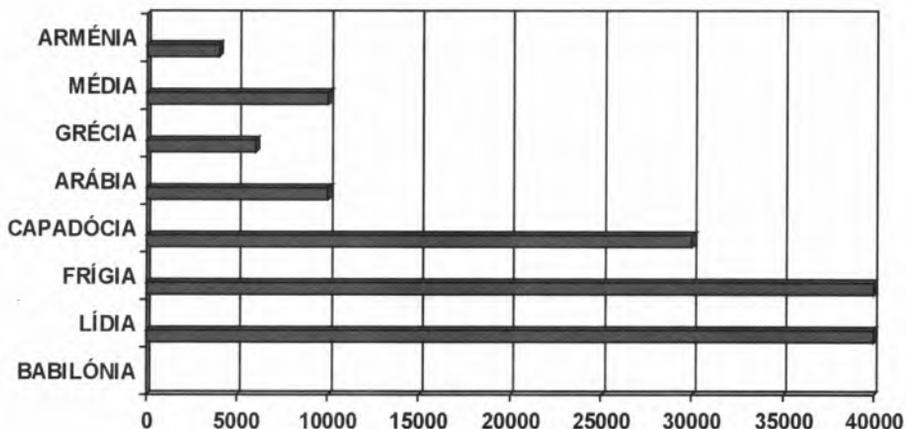
GRÁFICO 1: Número e origem de homens participantes no confronto entre Ciro-o-Grande e Babilónia, segundo Xenofonte



Os dados dizem respeito ao números que Xenofonte fornece tanto para atacantes persas como para o aliados que se defendiam da ameaça invasora, para que possamos ter uma ideia mais concreta do peso das tropas babilónicas no cômputo geral dos exércitos envolvidos no conflito⁽⁵⁹⁾. Note-se que os valores respeitantes à Média e à Arménia, faziam parte das forças persas, que defrontariam todos os restantes. Assim se verifica que a Babilónia é, dos defensores aliados, a cidade com maior contribuição, com 26% de capital humano a participar no conflito, o que permite colocar a hipótese da sua vitalidade demográfica perante as outras potências, ainda que possamos alegar que o facto de parte do conflito se passar no seu território tenha motivado tal participação. A vitória conseguida é descrita com algum

artifício retórico pela parte de Xenofonte, próprio da historiografia grega. Vejam-se mais dados, respeitantes à infantaria concorrente:

GRÁFICO 2: Valores relativos à infantaria participante no confronto entre Ciro-o-Grande e Babilónia.



Quanto ao número de infantes (arqueiros, lanceiros e peltastas), enquanto são apresentados valores definidos para quase todos os exércitos, o autor apenas afirma que os babilónios seriam em número considerável, não avançando com dados concretos. De qualquer forma, diz que a Babilónia contribuía com cerca de duzentos carros de guerra, já mencionados acima.

Podemos retirar algumas conclusões do discurso numérico de Xenofonte: um total de 180 000 homens aliados contra 94 000 medo-persas. Saliente-se que, do total destes números, só Babilónia contribuía com vinte mil soldados, isto é, aproximadamente 11,1% do total do exército de que fazia parte. Havia ainda os carros de guerra, que perfaziam 67% desse equipamento envolvido. Daqui se conclui que Babilónia era uma grande potência ainda neste período. Aliás, diz Xenofonte que, para a atacar, foi necessário a Pérsia organizar a sua cavalaria e os seus carros de guerra, com o auxílio das outras satrapias, concedendo propriedades fundiárias e palácios aos respectivos sátrapas, para que estes, uma vez alimentados, colaborassem na conquista do território⁽⁶⁰⁾. Outro testemunho sócio-demográfico é o facto de se mencionar que, após a conquista de Babilónia, Ciro-o-Grande

reuniu aí o seu exército, para de lá partir para o Egipto. A força era composta por 120 000 cavalos, 2 000 carros com gadanhas e cerca de 600 000 infantes. Outro passo refere que Ciro reuniu em território babilónico um exército efectivo e permanente de 20 000 cavaleiros, 2 000 carros e 6 000 infantes⁽⁶¹⁾. Seja como for, tratava-se, sem dúvida, de um exército considerável.

Relativamente à cidade em si, Xenofonte refere-se aos tesouros que transpirava desde o tempo de Ciro-o-Grande, evocando as raízes de tão grande riqueza na grande Babilónia do tempo de Nabucodonosor⁽⁶²⁾. Esta será uma expressão que se tornará quase proverbial no que diz respeito à mega-cidade mesopotâmica e que, de algum modo, encontrará eco na tradição apocalíptica do cristianismo primitivo. As alusões xenofontianas à cidade contemplam também a descrição física da mesma, tal como já Heródoto ensaiara. Diz Xenofonte que os muros de Babilónia eram altos, grandes e sólidos, fortalecendo a estrutura urbana, que englobava em si mesma o Eufrates, rio de dois estádios de largura (c. 370 m). Assim fornecida, dificilmente seria Babilónia submetida pela fome, juízo que o grego faz com alguma razão de facto, salientando que, na cidade, um cerco seria motivo de riso, pois os Babilónios sabiam que tinham provisões para mais de vinte anos⁽⁶³⁾. Xenofonte refere também os troncos de palmeira que eram colocados ao longo das margens do rio, para facilitar as passagens de transeuntes e descreve os pórticos da cidade como inflamáveis, pois as portas em madeira de palmeira estavam cobertas de betume, material também já referido por Heródoto e que era muito susceptível ao fogo⁽⁶⁴⁾.

Neste autor grego, Babilónia continua a funcionar como uma grande imagem, quase mítica, de riqueza e poder. Para se ter uma ideia da sua dimensão, num passo da *Ciropedia*, o escritor refere que Ciro-o-Grande, embora admirasse e reconhecesse as riquezas e tesouros da cidade, preferia a mão da filha do babilónio Góbrias a todas essas riquezas⁽⁶⁵⁾. Num outro passo, Babilónia é referida como a escolha dilecta de Ciro-o-Grande para passar o Inverno, pois não só era o coração do seu domínio, como também era «uma cidade maior que todas as cidades ilustres»⁽⁶⁶⁾. Diz ainda Xenofonte que o espaço urbano era o pólo de concentração da força principal de inimigos persas, advindo daí a urgência de Ciro-o-Grande ter marchado para lá, onde viria a defrontar os seus inimigos⁽⁶⁷⁾. Também o pacto que Ciro-o-Grande fez com os Babilónios é sintomático ao nível económico: o chefe persa deixaria em paz os lavradores que cultivavam as terras dos arredores de Babilónia, enquanto os Babilónios e os seus aliados não incomodassem o gado e provisões do exército persa⁽⁶⁸⁾. Efectivamente, os

exércitos faziam-se acompanhar de provisões, pois de outra forma pereceriam nas longas jornadas a percorrer. Além disso, é evidente pela referência que existia em torno de Babilónia um aro agrícola, fundamental para a subsistência do aglomerado. O general persa tinha consciência do problema que causaria à cidade um ataque aos seus limites agrários, tentando assim diminuir os nefastos efeitos do conflito nos campos. É o próprio *Ciro-o-Grande* quem afirma que «a guerra é para os homens de armas e não para trabalhadores dos campos»⁽⁶⁹⁾. Efectivamente, uma das prerrogativas de *Ciro-o-Grande* após a conquista da cidade é a ordem para que os Babilónios cultivassem a sua terra e pagassem as suas contribuições, servindo assim os então senhores persas, ao mesmo tempo que garantiam a subsistência de todos⁽⁷⁰⁾. De facto, Babilónia usufruía de um contexto territorial que a beneficiava em diversos sentidos, pois permitia-lhe gozar de todas as vantagens de um grande centro urbano. Um dos caminhos que conduzia à cidade era excelente, pois era rico em água, forragem e trigo, o que, para a manutenção das tropas, era o ideal⁽⁷¹⁾.

A administração dos novos territórios conquistados por *Ciro-o-Grande* urgia instituições funcionais. Assim, o chefe persa designou sátrapas, concedendo-lhes territórios e moradas, e estabelecendo o pagamento de tributos por parte dos habitantes da região ao novo poder estabelecido. Ao que parece, a atribuição de tais propriedades foi tão bem feita que, ainda no tempo de *Xenofonte*, eram os persas quem as detinha. Babilónia não era a única satrapia a pagar tributo à Pérsia. Logicamente, as outras satrapias estavam também encarregadas de o fazer, no entanto, e seguindo a nossa fonte, o povo babilónio enviava a *Ciro-o-Grande* as melhores produções da sua terra, arte ou gado tentando toda a cidade conseguir um tesouro para chefe dos Persas. E, ao que parece, angariava-o em abundância⁽⁷²⁾. Esta observação é própria da simpatia que *Xenofonte* nutre por *Ciro-o-Grande*, mas demonstra também, e uma vez mais, a riqueza da região, a diversos níveis.

Quanto aos dados para uma possível reconstrução do ambiente social babilónico, tal como em *Heródoto* são menos profícuos. Relativamente à mulher babilónica, apenas temos uma esparsa alusão às servas que foram concedidas por *Ciro-o-Grande* aos sátrapas, aquando da organização administrativa da região sob a hegemonia persa. Concessões essas que estiveram na base de uma rebelião por parte de um dos sátrapas designados⁽⁷³⁾. *Xenofonte* refere-se também à existência de eunucos, que são comparados a cavalos e a touros, concluindo-se que o eunuco é bem mais fiel que esses animais e ser

essa a razão de serem eles os escolhidos para guardiães das portas da cidade⁽⁷⁴⁾.

Ciro-o-Grande teria sido também o criador de um grupo sócio-profissional, uma guarda policial em Babilónia, cobrando um soldo aos Babilónios para o seu pagamento, sendo esse um modelo que permanecia ainda no tempo de Xenofonte. Esta medida sócio-administrativa parece ser o resultado de uma ponderação considerável dos problemas que a cidade decerto defrontava, sendo ao mesmo tempo testemunha da *urbs* que Babilónia era. Na opinião do nosso autor, era um modelo de submissão e de disciplina que Ciro-o-Grande, qual herói digno da admiração de Xenofonte, concebera⁽⁷⁵⁾.

Finalmente, refere-se ainda a existência de numerosos mercenários em Babilónia, o que é uma realidade evidente, até pelo substrato das obras do próprio Autor, que têm estado na base desta análise: Xenofonte e os Gregos seus contemporâneos e correligionários são os mercenários mais exemplificativos⁽⁷⁶⁾. Há, aliás, outras informações pertinentes em Xenofonte, acerca do universo babilónico, ainda que relativas já ao seu tempo e de Ciro-o-Jovem. Neste ponto, há que ter em conta a diferença temporal, com consequências ao nível da verosimilhança dos factos descritos. Se, na *Ciropedia*, Xenofonte se refere à Babilónia do século VI a. C., na *Anábese* é o seu conhecimento do território, pessoal e posterior em mais de um século, que ressalta. Não podemos desconsiderar, por isso, a possibilidade de o autor grego ter utilizado a realidade do seu tempo, e por si mais bem conhecida, e tê-la projectado no período anterior.

Neste ponto, assume também importância a informação relativa à região babilónica e circundante, em geral, e não apenas a respeitante ao limite urbano da mesma. Refere o agora historiador que, no longo percurso de Sárdis a Babilónia, foram as aldeias da Síria e da Média, ricas em grão e vinho, que abasteceram o grande exército, que aí permaneceu por três dias⁽⁷⁷⁾. O autor grego descreve o território do Eufrates como uma região de planície, ao nível do mar, coberta de absinto, arbustos e juncos perfumados como especiarias, enfatizando a ausência de árvores e a terra nua e despojada⁽⁷⁸⁾. Xenofonte menciona, contudo, a existência de animais selvagens em número considerável, bem como de o vasto número de jumentos, avestruzes e gazelas, que eram frequentemente objecto de caçadores⁽⁷⁹⁾. Regista ainda o escritor que os habitantes das planícies do Eufrates viviam da extracção de pedras ao longo das margens do rio, as quais transformavam em mós, vendendo-as depois aos transeuntes, vindos de Babilónia e arredores próximos da cidade. Com o que lucravam desse

negócio, os Eufратenses podiam adquirir grão em troca⁽⁸⁰⁾. O grão parece ser a preocupação essencial deste trecho. Diz Xenofonte que aquele não era muito abundante em certas partes do território, dado que apenas foi possível adquiri-lo no mercado lídio, onde os Lídios eram conhecidos como bufarinheiros, para abastecer as tropas, ao preço de quatro siclos por cada *kapithe* de farinha de trigo ou de refeição de cevada⁽⁸¹⁾. Por essa razão, durante grande parte do tempo passado nesses territórios, os soldados subsistiram comendo carne. A importância desta alusão xenofontiana advém do facto de, no tempo do autor, os Gregos comerem pouca carne e privilegiarem o cereal e o vegetal, o que em parte contrasta com o retrato militar dos tempos homéricos e a que decerto não é estranho o fenómeno da colonização grega no Mediterrâneo oriental bem como os contactos com as civilizações da cevada e do trigo. Para contrabalançar o excesso de carne, os soldados persas e os seus mercenários abasteceram-se, na cidade eufратense de Carmanda, de vinho feito das tâmaras das palmeiras e de pão feito de milho miúdo, que, ao que parece, era um grão abundante na região⁽⁸²⁾.

Num outro passo, é referido que, na Média, havia grão em abundância, bem como gado e outras propriedades (destacando-se a muralha que, como na próxima Babilónia, era construída com tijolos cozidos, alinhados com asfalto, e dando-se as suas medidas: vinte pés de largura e cem pés de altura e um comprimento de vinte parassangas⁽⁸³⁾). Na região de Cenas, cidade médica, encontrava-se pão/trigo, queijos e vinho⁽⁸⁴⁾.

No percurso para Babilónia, a necessidade de atravessar o rio tornou-se imperiosa. Diz Xenofonte que, junto a Cenas, atravessaram o rio em jangadas cobertas de peles (técnica que aparentemente é confirmada por Heródoto). Ao que parece, teriam sido usadas duas mil peles de ovelhas, cabras e jumentos para o efeito⁽⁸⁵⁾.

São estes dados, concretos mas escassos, que podemos recolher nas fontes xenofontianas acerca da Babilónia do tempo de Ciro-o-Grande e do tempo de Ciro-o-Jovem. Como se verifica, dizem respeito a questões militares e nem sempre mesopotâmicas, mas também gregas, pois é esse o contexto que as originou. Por certo, outros autores gregos escreveram acerca da grande cidade mesopotâmica. Mas pouco foi o que chegou até nós. Aristóteles, por exemplo, referiu que era necessário um território tão grande como o de Babilónia para suportar cinco mil habitantes no ócio, bem como o mesmo número de mulheres e de servos «ou outro território de extensão ilimitada», confirmando assim a grandeza daquele espaço urbano oriental⁽⁸⁶⁾. Este é apenas um

exemplo do tipo de conhecimento que os Gregos tinham do território. No próximo número da revista *Cadmo* focaremos a nossa atenção nos autores clássicos do período imperial, que dedicaram parte dos seus escritos a Babilónia e aos Babilónios.

Notas

(1) M.I. FINLEY, «Histoire ancienne et généralisation» in *Mythe, Mémoire, Histoire. Les usages du passé*, Paris, 1985, 138.

(2) P. BRIANT, «Sources grecques et histoire achéménide» in *Rois, Tributs et Paysans. Études sur les formations tributaires du Moyen-Orient ancien*, Paris, 1982, 491, 505-506.

(3) Ver M.F. SILVA, «O Estrangeiro na Comédia Grega Antiga», *Humanitas* 51, 1999, 23-48.

(4) Cf. HDT. I, 1-5.

(5) D.C. LXVIII, 30.

(6) M.H. UREÑA PRIETO, *Dicionário de Literatura Grega*, Lisboa, 2001, 211.

(7) Heródoto faz o mesmo para a Lídia, o Egipto, a Etiópia, a Índia, a Cítia, Cirene e a Líbia. Trata-se de uma intenção de explicar a etnografia diversa como um obstáculo ao «imperialismo» persa. Sobre a obra do historiador, em geral, ver H. R. IMMERWAHR, *Form and Thought in Herodotus*, Cleveland, 1966; J. MACGINNIS, «Herodotus' description of Babylon», *Bulletin of the Institute of Classical Studies* 33, 1986, 67-86; M. H. ROCHA PEREIRA, J. RIBEIRO FERREIRA e M. F. SOUSA E SILVA (eds.), *Heródoto - Histórias, livro 1º*, Lisboa, 1994; e os comentários iniciais de C. I. L. SOARES, *A morte em Heródoto. Valores universais e particularismos étnicos*, Lisboa, 2003. O enquadramento do *logos* pode ser mais bem compreendido com F. HARTOG, *Le miroir d'Hérodote. Essai sur la représentation de l'autre*, Paris, 1980; e M. F. SILVA, «O desafio das diferenças étnicas em Heródoto», *Humanitas* 52, 2000, 3-26.

(8) HDT. I, 178.

(9) HDT. I, 178.

(10) HDT. I, 178.

(11) HDT. III, 159.

(12) HDT. III, 159.

(13) HDT. I, 178- 179.

(14) HDT. I, 178-181. A muralha aqui descrita é a de Nabucodonosor. O côvado real é três dedos mais longo que o vulgar. Não nos preocupa tanto o atestado de veracidade das afirmações de Heródoto, relativamente aos dados por ele fornecidos, quanto a imagem que se dá de uma potência económica bem como as conclusões que daí podemos tirar. Neste contexto utiliza-se a palavra *asphaltos*, termo também usado por outros autores, que não é originalmente grega, mas importada, e que provavelmente designava a mistura de breu com petróleo e substâncias minerais, formando um betume espesso escuro e luzidio. Sobre o uso do petróleo, *naphtha*, escreveremos infra.

(15) HDT. I, 180-181.

⁽¹⁶⁾ Trata-se de uma hipérbole, com a qual Heródoto enfatiza a importância do rio em Babilônia. O autor refere-se a Ardérica como uma «aldeia assíria», pois, como vimos já, Heródoto entende como assírio todo o território de Babilônia, numa provável reminiscência do passado político da região. HDT. I, 185.

⁽¹⁷⁾ HDT. I, 193.

⁽¹⁸⁾ HDT. I, 184. Semíramis é muito provavelmente a rainha Samuranab ou Sammuramat, esposa do rei assírio Shamshi-Adad V (823-811 a. C.) e mãe de Adad-Nirari III (810-783 a.C.), ver Z. BAHRANI, *Women of Babylon. Gender and representation in Mesopotamia*, London/New York, 2001, 176-177; quanto a Nitócris, H. LEWY, «Nitokris-Naqa», *JNES* 11, 1952, 264-286, considera que se trata da rainha Naqa-Zakutu, esposa de Senaquerib da Assíria (704-681 a. C.) e mãe de Assaradão (680-669 a. C.), que estava no poder aquando da revitalização de Babilônia. Sabe-se que as obras que foram atribuídas por Heródoto a esta rainha, foram feitas por Nabucodonosor, o que é um dado pertinente.

⁽¹⁹⁾ HDT. I, 184.

⁽²⁰⁾ Assim foi, provavelmente, transmitido ao historiador.

⁽²¹⁾ HDT. I, 185.

⁽²²⁾ HDT. I, 186.

⁽²³⁾ HDT. I, 186.

⁽²⁴⁾ HDT. I, 187. Tradução de C. N. Abranches in *Da História às histórias: aspectos da ficção em Heródoto*, Lisboa, 1989, 318-319.

⁽²⁵⁾ HDT. I, 194. Esta descrição merece uma comparação com os barcos gregos, visto que os babilônios não têm nem proa nem popa, característica eminente das embarcações helênicas.

⁽²⁶⁾ HDT. I, 194.

⁽²⁷⁾ HDT. I, 180.

⁽²⁸⁾ HDT. I, 181. É curioso que Heródoto se refira a Bel Marduc como Zeus Belo, pois demonstra a tendência para o sincretismo, própria do génio grego.

⁽²⁹⁾ HDT. I, 181.

⁽³⁰⁾ HDT. I, 181. A mentalidade grega associava à imagem o apoio e suporte do espírito para a adoração. A ausência da estátua do deus, ou aniconismo, é mais um dado oriental que Heródoto sente necessidade de referir.

⁽³¹⁾ HDT. I, 183.

⁽³²⁾ Note-se que a satrapia da Babilônia incluía não só a cidade, como todo um grande território circundante, que fazia fronteira com a satrapia da Assíria, com capital em Nínive, e englobava a cidade de Nipur, tocando as costas do Golfo Pérsico.

⁽³³⁾ Diz HDT. I, 90-95, que o total de dinheiro proveniente de todos os territórios conquistados pelos Persas perfazia 12 480 talentos de Babilônia. M. A. Dandamayev calcula este valor em cerca de 400 toneladas de prata, o que corresponde a aproximadamente 32 kg de prata por talento. Ver M. A. DANDAMAYEV, «Royal Economy in the Achaemenid Empire» in *Stato. Economia. Lavoro nel Vicino Oriente antico*, Milano, 1988, 147. E. Bouzon, porém, transmitiu-nos a informação de que um talento equivalia a cerca de 10 kg de prata. É este o valor por que optámos neste estudo.

⁽³⁴⁾ HDT. I, 188.

⁽³⁵⁾ Medida persa que correspondia a cerca de 56 litros. A prata é o denominador usual que indica o valor de um item particular.

⁽³⁶⁾ HDT. I, 192.

⁽³⁷⁾ HDT. I, 193. O autor refere como exemplos a vinha, a figueira e a oliveira por comparação e referência. Compreendem-se estas menções, por serem estas as árvores características da Hélade.

⁽³⁸⁾ HDT. I, 193.

⁽³⁹⁾ Antiga medida que, na Grécia, equivalia a um dedo de largura, *i.e.*, 1,84 cm. As folhas atingiam, portanto, 7,36 cm. O trigo candial produz uma farinha muito branca. Relativamente ao sésamo, os Babilónios usavam o seu líquido espesso na vez do azeite.

⁽⁴⁰⁾ HDT. I, 193.

⁽⁴¹⁾ HDT. I, 193. Neste ponto, Ph.-E. Legrand refere que Heródoto confunde a necessidade de intervenção dos insectos no processo de polinização das flores com os enxertos de árvores de fruto, como a figueira e a tamareira. Ver nota 2, p. 188 da tradução da colecção *Belles Lettres*.

⁽⁴²⁾ HDT. I, 200.

⁽⁴³⁾ HDT. I, 194. Ph.-E. Legrand chama a atenção para o facto de que o termo *phoinikeiou oinou*, por vezes traduzido como «vinho de palma», deve aqui ser entendido como «vinho de uva», dado que de outra forma não se compreenderia a razão da importação, uma vez que a Babilónia era muito rica em palmeiras. Por outro lado, a vinha, ao que parece, não gozava de muita difusão na Mesopotâmia, pelo que seria totalmente lógica a importação de vinho fabricado a partir de uva.

⁽⁴⁴⁾ HDT. I, 195.

⁽⁴⁵⁾ HDT. I, 195.

⁽⁴⁶⁾ HDT. I, 181.

⁽⁴⁷⁾ HDT. I, 182.

⁽⁴⁸⁾ Embora Heródoto refira Afrodite, diz respeito, muito provavelmente, à deusa Iŝtar, que as categorias gregas herodotianas conotam com a deusa grega do amor erótico.

⁽⁴⁹⁾ HDT. I, 199.

⁽⁵⁰⁾ HDT. I, 199. Heródoto compara este costume com outro semelhante que se praticava na ilha de Chipre, local especialmente dedicado à deusa Afrodite.

⁽⁵¹⁾ HDT. I, 196.

⁽⁵²⁾ HDT. I, 196.

⁽⁵³⁾ HDT. I, 189.

⁽⁵⁴⁾ HDT. I, 199.

⁽⁵⁵⁾ P. E. EASTERLING, B.M.W. KNOX, eds., *The Cambridge History of Classical Literature. I. Greek Literature*, Cambridge, 1985, 463.

⁽⁵⁶⁾ Sobre estas obras, ver M. H. UREÑA PRIETO, *Dicionário de Literatura Grega*, Lisboa, 2001, 435-443.

⁽⁵⁷⁾ X., *An.* I, vii, 10-11.

⁽⁵⁸⁾ X., *Cyr.* II, i, 5. Xenofonte chama «Assírios» aos «Babilónios», o que mais uma vez é, por certo, uma memória do poder assírio durante os séculos VIII-VII a.C. O mesmo acontecia já em Heródoto.

⁽⁵⁹⁾ X., *Cyr.* II, i, 4-6.

⁽⁶⁰⁾ X., *Cyr.* VIII, vi, 8, 10-11.

⁽⁶¹⁾ X., *Cyr.* VIII, vi, 19-20.

⁽⁶²⁾ X., *Cyr.* V, ii, 8.

⁽⁶³⁾ X., *Cyr.* VII, v, 13.

⁽⁶⁴⁾ X., *Cyr.* VII, v, 22.

⁽⁶⁵⁾ X., *Cyr.* V, ii, 8.

⁽⁶⁶⁾ X., *Cyr.* VIII, vi, 19-20, 22 e VII, v, 58. Ao que parece, Ciro-o-Grande passava os sete meses de Inverno em Babilónia, pois era a região mais quente, e os três meses de verão em Susa, cidade mais fresca.

⁽⁶⁷⁾ X., *Cyr.* V, ii, 31.

⁽⁶⁸⁾ X., *Cyr.* V, iv, 24-28.

⁽⁶⁹⁾ X., *Cyr.* V, iv, 24-28.

⁽⁷⁰⁾ X., *Cyr.* VII, v, 36.

⁽⁷¹⁾ X., *Cyr.* V, iv, 34, 40.

⁽⁷²⁾ X., *Cyr.* VIII, vi, 4-5; VIII, vi, 23.

⁽⁷³⁾ X., *Cyr.* VIII, vi, 1.

⁽⁷⁴⁾ X., *Cyr.* VII, v, 61-65.

⁽⁷⁵⁾ X., *Cyr.* VII, v, 69-70.

⁽⁷⁶⁾ X., *Cyr.* VII, v, 70.

⁽⁷⁷⁾ X., *An.* I, v, 1-2.

⁽⁷⁸⁾ X., *An.* I, v, 1-2; I, v, 5-7.

⁽⁷⁹⁾ X., *An.* I, v, 1-2.

⁽⁸⁰⁾ X., *An.* I, v, 5-7.

⁽⁸¹⁾ X., *An.* I, v, 6-7. Xenofonte dá as correspondentes gregas destas medidas, referindo que o siclo tem o valor de 7,5 óbolos áticos e a *kapithe* de duas chénices áticas.

⁽⁸²⁾ X., *An.* I, v, 10.

⁽⁸³⁾ X., *An.* II, iv, 12. O pé grego valia 31,6 cm, o que nos resulta numa largura de 6,32 m e numa altura de 31,6 m. A parassanga era uma medida persa correspondente a 5,5 km. A muralha médica tinha, portanto, 110 km.

⁽⁸⁴⁾ X., *An.* II, iv, 27-28.

⁽⁸⁵⁾ X., *An.* II, iv, 27-28; III, v, 9-10.

⁽⁸⁶⁾ ARIST., *Pol.*, II, iii, 3-4; cf. III, i, 12.